



## **Telejornalismo Policial-investigativo Um Estudo Sobre o Impacto do Sensacionalismo e da Banalização da Violência Sobre a Sociedade<sup>12</sup>**

Gabriel LAGE NETO<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP  
Faculdade Integrada Brasil Amazônia, Belém, PA

### **RESUMO**

Este estudo tem por objetivo investigar a linguagem, os métodos e os possíveis reflexos do telejornalismo policial-investigativo praticado na televisão aberta brasileira. Dará ênfase aos já citados telejornais e também às coberturas feitas pelos mesmos sobre acontecimentos cotidianos, assim como sobre os de maior comoção nacional. Para tanto, não haverá um número limitado de programas a serem analisados, farão parte do *corpus* aqueles foram exibidos nas principais emissoras televisivas abertas do início dos anos 1990 até os dias atuais. Alguns autores cujas teorias serão fundamentais para a análise dos programas e dos casos são: Barbeiro e Lima, por conta de seus apontamentos sobre a prática jornalística; Baudrillard, devido às suas observações sobre a sociedade de consumo; e Debord, em razão de seu estudo sobre a sociedade do espetáculo.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo policial-investigativo; consumo; sensacionalismo; informação.

### **Objeto**

Nosso objeto de estudo são os telejornais da TV aberta brasileira que tratam da temática policial investigativa.

### **Problemas**

A presença de telejornais sensacionalistas, cujos produtores alegam que a repetição contínua de imagens de roubos, sequestros, acidentes, assassinatos e outros crimes é feita com a intenção de manter a sociedade informada não é nenhuma novidade na TV brasileira.

Porém, a existência dos mesmos, e das suas rotinas, dá espaço a algumas questões:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Doutorado em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica. Qualificado em 30 de março de 2015.

<sup>3</sup> Doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Especialista em Gestão da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero – FCSC. Professor dos cursos de Administração, Licenciaturas Integradas e Serviço Social da Faculdade Integrada Brasil Amazônia. Autor do livro *Mito e Comunicação: a Importância da Mitologia e sua Presença na Mídia*.



1. A maneira como esses telejornais sensacionalistas têm veiculado notícias sobre violência, tais como sequestros e assassinatos, viabiliza a discussão das questões pertinentes para a sociedade? Neste sentido, qual a função da mídia contemporânea? Apenas informar ou também promover o debate social?
2. A existência dos mesmos não seria mais justificável se abrangessem também as causas da violência urbana, como a crescente desigualdade cultural, social e econômica brasileira?

### **Justificativa**

Romano, em *Ecología de la comunicación* (2004), discorre sobre a importância que a comunicação exerce sobre a sociedade, “la comunicación es el proceso y el resultado de la relación, mediada por el intercambio de informaciones y sentimientos, entre individuos (humanos), sus grupos y organizaciones sociales, instituciones, etc.” (Romano, 2004, p. 59). Estabelecida esta importância, podemos também falar sobre a responsabilidade que os meios de comunicação têm para com o seu público.

De acordo com Romano, o estudo da comunicação através de um ponto de vista ecológico, além de ser importante quantitativamente, também o é qualitativamente. Pois a existência de meios de comunicação responsáveis, que prezem pela difusão intelectual e cultural, provavelmente implicará em um engrandecimento social nos mais diversos campos.

A programação televisiva que espetaculariza a violência e os *fait divers*, com certeza não tem como objetivo primordial transmitir informações e conhecimento para o seu público. Assim, indo de encontro ao que se acredita ser a principal função dos meios de comunicação em massa: manter a sociedade bem informada.

O que se pretende com este trabalho não é a infantilização ou a alienação dos telespectadores brasileiros, mas sim o aumento da qualidade da programação dos veículos de informação, em especial da televisão. Pretendendo contribuir, conseqüentemente, para o melhor entendimento da sociedade a respeito da sua própria realidade.

Falando mais especificamente do presente objeto de estudo, os telejornais de temática policial-investigativa, se faz necessário levantar uma questão que pode ser averiguada em seu desenvolvimento: qual o motivo que leva os crimes que ocorrem nas periferias das grandes cidades a serem, em grande parte, as pautas dominantes deste tipo



de programa, e os que se dão nas zonas nobres serem veiculados em programas com um outro tipo de perfil, como por exemplo, o *Jornal Nacional*, da *Globo*?

### **Objetivos**

Tendo como foco a investigação dos problemas acima relatados e das hipóteses que serão apresentadas no próximo tópico, a pesquisa a ser feita pretende, com a ajuda das teorias dos autores escolhidos e também da análise que será feita a respeito dos programas televisivos que fazem parte de seu *corpus*:

1. Traçar um panorama da programação televisiva aberta que é oferecida pelos meios de comunicação em massa para a sociedade brasileira.
2. Alcançar a compreensão da real contribuição dos telejornais de temática policial investigativa para a sociedade.

### **Hipóteses**

1. Será que o foco em crimes que, em alguns casos, beiram o hediondo tem realmente como verdadeiro fim apenas passar uma informação para os seus telespectadores? Ao repetir dezenas de vezes as mesmas cenas, incansavelmente, esses veículos de informação não têm em vista apenas o aumento de audiência e, por consequência, o lucro advindo da venda de espaço publicitário para anunciantes?
2. Em que ponto a repetição incansável desse tipo de reportagens deixa de contribuir para a informação da sociedade e começa a colaborar com o aumento do medo e da neurose de viver em grandes cidades?

### **Corpus**

Com a intenção de executar um estudo mais aprofundado do tema, não haverá um número limitado de programas a serem analisados. O estudo dará ênfase às coberturas feitas sobre acontecimentos de maior comoção nacional, tanto pelos telejornais com temática exclusivamente policial investigativa, quanto pelos que abordam uma temática mais diversa. Os programas analisados serão os que foram exibidos nas principais emissoras televisivas abertas do início dos anos 1990 até os dias atuais. São alguns deles: *Aqui Agora*, exibido pelo SBT na década de 90; *Balanço Geral*; *Cidade Alerta*, ambos exibidos pela Rede Record; *Brasil Urgente*, exibido pela Rede Bandeirantes; *Linha Direta* (extinto em 2007) e *Jornal Nacional*, ambos exibidos



pela Rede Globo.

### **Fundamentação teórica**

Em 1950, década em que o rádio era o principal e mais popular meio de comunicação brasileiro, o jornalista Assis Chateaubriand fundou na cidade de São Paulo a sua *TV Tupi*, canal 3, a primeira emissora televisiva da América do Sul. De acordo com Sérgio Mattos (2010), algumas das atrações presentes na primeira transmissão da emissora, no dia 18 de setembro de 1950, foram: uma apresentação da orquestra do maestro Georges Henry, com a execução de *Cisne Branco*, composta por Antônio Manoel do Espírito Santo e Benedito Macedo, a cerimônia de benção e batismo dos estúdios e um show de Lolita Rodrigues e Vilma Bentivegna, que interpretaram a *Canção da TV*. Nos meados dos anos 50, ainda de acordo com Mattos, as emissoras decidiram abandonar os programas culturais, como apresentações de ballet, com a intenção de popularizar a sua programação.

Nos anos 60, a *TV Record* se destacou entre as demais emissoras televisivas brasileiras por transmitir programas musicais e festivais de música. A emissora chegou a ocupar o primeiro lugar na audiência nacional. Porém, entrou em decadência após diversos incêndios que ocorreram no final da década. Hoje, já recuperada financeiramente, e sob a direção do Bispo evangélico Edir Macedo desde 1989, dedica parte de sua programação a atrações religiosas.

De acordo com Mattos, “os governos de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979) expressaram veementemente desaprovação à violência e a falta de padrões culturais na televisão” (Mattos, 2010: 99). Em 1970, Médici proibiu a transmissão de matérias consideradas ofensivas à moral e aos bons costumes (Mattos, 2010), o então presidente também afirmou que o “governo não pode permanecer inativo e silencioso, enquanto cresce a competição e o tamanho da audiência, resultando numa perda para a população que é privada de programas educacionais na TV” (Melo *apud* Mattos, 2010: 104), por isso, os proprietários e diretores das emissoras de TV deveriam enobrecer a programação televisiva. Mattos prossegue explicando que a prática de intervenção no conteúdo da televisão não se deu apenas citados governos, ela esteve presente nos anteriores e também no que os sucederam.

Baseado nos relatos acima descritos e também nos de outros historiadores e estudiosos da TV brasileira, podemos perceber que a preocupação com o nível da programação, e também com a presença excessiva da violência, não é um fenômeno



contemporâneo. Pelo contrário, ela se dá praticamente desde os primeiros anos de funcionamento da mesma no território nacional. “De acordo com uma pesquisa realizada pelo *Jornal do Brasil*, no período de 18 a 24 de março de 1968, a violência estava entre os apelos mais utilizados pela televisão no Rio de Janeiro” (Mattos, 2010: 104).

É importante e necessário frisar que a intervenção dos governos em relação aos meios de comunicação em massa não é predominantemente positiva. Nos anos 60, por exemplo, quando o chamado Cinema Novo estava em fase de amadurecimento, as produções cinematográficas não encontravam espaço na TV brasileira devido à censura por motivos puramente ideológicos.

No final dos anos 1980, época marcada pela transição do regime militar pelo regime civil no Brasil, a nova Constituição, promulgada em 05 de outubro de 1988, proibiu totalmente a censura em relação aos meios de comunicação, garantindo assim a plena liberdade de informação jornalística. Ainda segundo a Carta de 1988, as redes de televisão deveriam prezar por uma programação com fins culturais, educativos e informativos, promovendo sempre a cultura nacional e regional.

### **A multiplicação dos telejornais policial-investigativos**

Em 1991, o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT passou a transmitir uma atração que pode ser considerada a gênese do jornalismo policial contemporâneo, o jornal *Aqui Agora*. A princípio, o programa não foi tão negativamente criticado, porém, com o tempo, a qualidade do seu conteúdo começou a decair.

De acordo com Eugênio Bucci,

O programa descambou para a apelação barata. Chegou a mostrar um suicídio. Foi no dia 5 de julho de 1993, quando a recepcionista Daniele Alves Lopes, de 16 anos, atirou-se do sétimo andar de um prédio no centro de São Paulo. O *Aqui Agora* cedeu ao grotesco, ao bizarro, ao cruel, até sair do ar em 1997 (Bucci, 2004: 112).

Outro exemplo do grotesco televisivo citado por Bucci, foi a transmissão da morte do pedreiro Diego José, em 1997, no momento em que ameaçava assassinar uma criança de dois anos de idade que havia sequestrado. O jornal *TJ Brasil*, também exibido pelo SBT, na época apresentado pelo jornalista Boris Casoy, transmitiu repetidamente o momento em que um dos policiais que faziam o cerco ao



pedreiro/sequestrador tirou a vida do mesmo utilizando uma arma de fogo.

Durante toda a década de 1990, e também nos anos 2000, dezenas de outros programas, como o contemporâneo *Brasil Urgente*, exibido pela TV Bandeirantes e apresentado por José Luiz Datena, espalhados pelo território nacional repetiram a fórmula da busca da audiência a qualquer custo se utilizando do sensacionalismo e da espetacularização da violência. Ao que tudo indica, apesar das severas críticas de diversos setores da sociedade e também de estudiosos e pesquisadores da comunicação social, este formato de programa ainda há de perseverar por mais alguns anos na grade televisiva brasileira, contribuindo cada vez mais para a banalização da violência e para a presença desta no imaginário da sociedade.

### **Uma análise mais aprofundada dos telejornais policial-investigativos**

Os telejornais de temática policial-investigativa não são novidade na TV brasileira, assim como também é comum a cobertura de crimes feita por outros telejornais que possuem maior abrangência de estilos de pauta. A preocupação que norteia este trabalho é o modo como é feita a cobertura policial-investigativa, tanto pelos telejornais aqui denominados como policialescos, quanto nos noticiários televisivos mais tradicionais, pois “o jornalista deve saber quais são os limites de seu trabalho, uma vez que a missão de informar também comporta limites, os quais, porém, não podem ser confundidos com cerceamento à liberdade de imprensa” (Barbeiro e Lima, 2013, p. 4).

De acordo com José Arbex,

Todos sabemos que o mundo, sob vários aspectos, é uma sucessão de horrores, mas ligamos a televisão e voltamos diariamente a esses horrores, de certa forma, acabamos nos sentindo tranquilos porque, afinal de contas, tudo está na mesma, só que perdemos de vista que não estamos nos reportando à realidade observada empiricamente ao nosso redor, em nossas vidas cotidianas, mas sim à narração televisiva de uma realidade que julgamos abarcar a totalidade do mundo – que, no limite, julgamos ser o mundo. (Arbex, 1995, p. 16)

A fórmula básica dos telejornais em cujas pautas predomina a cobertura de acontecimentos violentos, apesar dos diversos existentes nas esferas nacional e estadual, é uma só: um apresentador que, em pé, narra os acontecimentos do dia e, em casos especiais, principalmente aqueles de grande repercussão na sociedade, relembra ao telespectador os acontecimentos passados. Cada nova informação sobre os grandes



casos, mesmo que irrelevante e não confirmada, é apresentada como furo de reportagem. O que era tido como verdadeiro no dia anterior pode ser corrigido no seguinte, a veracidade das informações não é fundamental, o que importa é exibir primeiro qualquer dado novo, mesmo que não vá ser comprovado como correto posteriormente, “no afã de conseguir reportagens de impacto, o jornalista às vezes divulga fatos que são irrelevantes para a notícia, mas têm apelos emocionais” (Barbeiro e Lima, 2013, p. 5).

Ainda de acordo com Barbeiro e Lima:

Não se divulga uma notícia não confirmada. O desejo de dar um furo (atrativo ao qual muitos jornalistas não resistem) pode comprometer a credibilidade se a informação não for verificada. Lembre-se de que o furo atualmente dura o tempo suficiente para outro fazer a escuta, confirmar e também divulgar, portanto, é preciso critério com a utilização de vinhetas como plantão, urgente, notícia exclusiva, etc., pois o seu uso indiscriminado leva o veículo ao ridículo e acarreta perda de credibilidade. Quando a pessoa vir ou ouvir a vinheta de um plantão informativo deve ter a certeza de que algo realmente importante está acontecendo. (Barbeiro e Lima, 2013, pp. 15-16)

Um recurso muito utilizado é a repetição de imagens, informações e depoimentos. Quando não há nada de novo sobre um caso de destaque, porém é importante que se trate do assunto, por questões de audiência, é comum que o apresentador passe um programa inteiro lembrando o caso, exibindo para o telespectador depoimentos de parentes das vítimas, de testemunhas e de autoridades; imagens do local do crime e diversos outros dados que já foram informados, também repetidamente, nos dias anteriores.

Segundo Matheus:

O que garante continuidade ao noticiário é justamente o perpétuo adiamento de todas as explicações. O fluxo do medo sobrevive exatamente do fornecimento de conclusões parciais a cada nova edição. Assim o *continuum* narrativo fica garantido. Portanto, a mesma reportagem apresenta tanto um caráter linear – avançando sobre a história – quanto cíclico – de repetir o tema no dia seguinte. (Matheus, 2011, p. 75)

O caráter cíclico apontado por Matheus, e facilmente identificado pelo telespectador, aproxima a realidade retratada da ficção, pois, “o ritmo cíclico é identificado nas telenovelas, em que as cenas finais de uma trama já trazem nas ‘cenas dos próximos capítulos’ as cenas iniciais da próxima trama” (Contrera, 1996, p.42). De acordo com Eliade, a repetição tem um significado, “só ela confere realidade aos





acontecimentos; os fatos se repetem porque imitam um arquétipo – o evento exemplar. Além do mais, apesar dessa repetição, o tempo fica suspenso, ou pelo menos tem sua virulência reduzida” (Eliade, 1992, p. 97). É por isso que quando um caso, como, por exemplo, o de Isabella Nardoni, acontece, muitos outros episódios semelhantes são exibidos. No auge da cobertura do assassinato da menina do distrito de Vila Guilherme, na cidade de São Paulo, que foi cometido pelo pai e pela madrasta, diversos outros acontecimentos envolvendo pais que defenestraram seus filhos viraram notícia, claro que de forma bem menos impactante. No caso de Eloá Cristina Pimentel, que foi mantida em cárcere privado e depois assassinada pelo ex-namorado, Lindemberg Fernandes Alves, na cidade de Santo André, a mídia também fez a associação com alguns outros episódios de crimes passionais, e assim por diante.

Outra razão para essa repetição se explica através do pensamento comercial. Assim como a Indústria Cultural reproduz exaustivamente produtos que são sucessos de venda, sejam eles bens de consumo, obras de arte, artistas, músicas, etc., a Indústria Midiática do Jornalismo Policialesco está sempre em busca de casos que se assemelham àqueles que causam grande comoção na sociedade. Para as duas Indústrias o pensamento parece ser o mesmo: se o original vende bem, provavelmente a cópia também terá boa saída.

Segundo Arbex,

Nesse sentido, vivemos uma época em que – como observa Umberto Eco – a notícia virou uma telenovela, cujo palco é o planeta e cujos atores são escolhidos por um enredo que alguém escreveu e que é decifrado e decodificado pela câmera de televisão. Como na telenovela, o maior horror do mundo já não perturba, apenas dá a impressão de algo já visto. Os Estados Unidos invadiram o Haiti? Mas já fizeram isso tantas vezes (no Panamá, nos anos 80, e no Golfo e na Somália, nos anos 90). Há crianças morrendo de fome? Mas quando deixou de ser assim? Há crime, violência, corrupção? Sei. E aí? (Arbex, 1995, p. 17)

Casos reais ganham ares de telenovela, com direito a encenação de como os crimes haveriam acontecido. A cada dia um novo “capítulo” é exibido para o telespectador. Como se percebe, os grandes casos são amplamente “aproveitados” pelos telejornais. Podemos classificar como *fait divers* estes, que aqui são chamados de grandes casos (como os de Suzane von Richthofen, Mercia Nakashima, Eliza Samúdio, Marcos Matsunaga, Marcelo Pesseghini e os citados nos parágrafos anteriores) pois,





apesar de se enquadrarem na pauta diária do telejornalismo policial-investigativo, fogem do crime comum, ao qual a sociedade precisou se habituar.

“Barthes dizia que a estrutura do *fait divers* é similar à do romance porque não requer memória prévia. O *fait divers* se encerra em si mesmo e, ainda que a história tenha continuação, ela se caracteriza pela autossuficiência, com começo, meio e fim inteligíveis” (Matheus, 2011, 17). A afirmação de Barthes, segundo Matheus, faz sentido se aplicada ao contexto do jornalismo policiaresco, pois, além dos grandes casos, cotidianamente são apresentadas matérias que cobrem superficialmente crimes do cotidiano da periferia das grandes cidades. São as violências sexuais, os assassinatos, os assaltos, entre outros delitos de menor e maior gravidade que se tornaram comuns no dia a dia do País. Diariamente são exibidos, através de vieses ora dramáticos, ora cômicos, dependendo da direção que o apresentador pretende dar à pauta.

Porém, episódios que também chamam a atenção da sociedade, e que, por consequência, ganham mais tempo de reportagens televisivas, tanto nos telejornais policiarescos quanto nos demais, são as grandes tragédias nas quais os culpados não são personificados. Nestas, pelo menos em um primeiro momento, não existe nenhum “representante do mal”, maneira como são apresentados os suspeitos ou criminosos confessos, um bom exemplo é o caso do incêndio da boate Kiss, de Santa Maria, que ocorreu no dia 27 de janeiro de 2013, causando 242 mortes. Situações como as manifestações que ocorreram no País inteiro, a partir do 2013, inicialmente motivadas pelo aumento no preço das passagens de ônibus na cidade de São Paulo, são, igualmente, motivos de grande, e controversa, repercussão midiática.

Os estúdios utilizados nestes telejornais vão do simples ao requintado, como os dos programas *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente*, respectivamente, passando pelo ridículo e pelo bizarro, como o *Balanço Geral*, exibido pela *Record* e apresentado por Geraldo Luís do Sacramento até 2013<sup>4</sup>, que contava com um assistente de palco anão, constante alvo das chacotas do apresentador, e com um galo, que, volta e meia, cantava, enquanto Sacramento apresentava as notícias diárias carregadas de violência e de sangue.

A linguagem empregada pelos apresentadores e repórteres destes programas frequentemente, de forma proposital ou inadvertida, incorre em desvios da Língua Padrão, como erros de concordância e regência, uso de vícios de linguagem, e, principalmente, uso de linguagem extremamente coloquial e, por vezes, chula. É óbvio

---

<sup>4</sup> Atualmente o programa é apresentado por Reinaldo Gottino.



que a linguagem empregada em um programa que ambiciona atingir o grande público não deve ser a formal, porém jamais deve apelar à vulgaridade. Um bom exemplo desta observação é a edição nacional do Brasil Urgente, do dia 18 de setembro de 2014, que foi iniciada com reportagem sobre o caso do jovem Victor Hugo, que se afogou em uma raia olímpica na USP. Como é de costume, entre diversas repetições de depoimentos e imagens, Datena especula, sem maiores fundamentos, sobre o caso: "o rapaz foi morto na porrada", "jogaram o moleque dentro d'água", "deram um pau nele", entre outras declarações.<sup>5</sup>

O jornalista não pode simplesmente dizer tudo aquilo que tem em mente, por acreditar em seus próprios dogmas, ou para acentuar a identificação do telespectador, que tem os mesmos pensamentos, consigo mesmo. É necessário observar a ética, os direitos humanos. Que razão pode ter um profissional que fala ao vivo, para um público de milhares de pessoas, que determinado indivíduo merece morrer? Qual é a mensagem que ele está enviando? O que o separa dos criminosos que não matam, mas são mandantes de assassinatos? Os apresentadores e repórteres destes telejornais precisam atentar ao fato de que liberdade de imprensa não deve ser confundida com liberdade de expressão.

No dia 11 de setembro de 2014, Marcelo Rezende, do *Cidade Alerta*, narrou dois acontecimentos bem parecidos, protagonizados por criminosos que, em diferentes cidades, praticaram violência sexual contra mulheres. Ao narrar as histórias, Rezende falava diretamente ao telespectador: “esse tipo de gente não pode viver”. Logo depois veio a propaganda de um dos principais anunciantes do programa: Calcitram B12. Após o comercial, Marcelo Rezende voltou a falar dos dois casos e insistiu: “quando eu digo que só tem um jeito...”. Rezende, assim como Datena, não poupa o vocabulário chulo, nem mesmo quando está falando das vítimas. No dia 12 de setembro de 2014, ao apresentar casos de um “flanelinha” e de um empresário, ambos vítimas do golpe conhecido como “Boa noite, Cinderela”, repetidamente chama as vítimas de “trouxa”.

### **O poder da mídia**

A impressão que fica é que o telejornalismo policial-investigativo não tem como preocupação primordial manter seus telespectadores informados, mas sim elevar cada

---

<sup>5</sup> Cerca de um mês após o falecimento de Victor Hugo, peritos do IML afirmaram que o jovem consumiu a droga 25B-NBOMe, similar ao LSD, o que provocou uma infecção aguda. Uma das hipóteses da polícia é que em meio à sua alucinação, Victor Hugo tenha caído na raia olímpica e se afogado.



vez mais o índice de audiência através da crescente espetacularização de acontecimentos que já são naturalmente trágicos. É fato evidente que a cotidiana transformação de fatos violentos em puro entretenimento acaba por entorpecer a sociedade, que cada vez mais encara os citados episódios como acontecimentos cotidianos, corriqueiros, normais. A alta audiência lhes garante duas coisas: interesse dos anunciantes e poder sobre o governo e empresas privadas.

O poder destes telejornais, e de seus apresentadores, sobre os governantes é algo que fica bastante claro para o telespectador mais observador. É frequente a aparição de figuras políticas, como secretários municipais e estaduais, e até mesmo de prefeitos e governadores, durante suas exibições. Geralmente tais figuras aparecem apenas para dar esclarecimentos sobre certos acontecimentos, porém, antes de falarem, é hábito dos apresentadores discursarem longa e verbosamente, utilizando argumentos nem sempre pertinentes, deixando claro que têm o poder de fazer seus entrevistados, sejam eles quem forem, esperarem o tempo que acharem ser necessário.

No dia 17 de abril de 2013, o apresentador José Luiz Datena, do programa *Brasil Urgente* da *Band*, questionava ao vivo o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, sobre a segurança pública. Nos momentos anteriores, o programa transmitia uma matéria sobre o assassinato de um frentista na capital do Estado. O Governador explicou quais providências estavam sendo tomadas, inclusive na área da educação. Do decorrer da fala de Alckmin, o “sinal” de sua câmera saiu do ar, deixando o apresentador sozinho. A partir deste momento, Datena começou a afirmar que de nada adianta construir salas de aula para alunos que não respeitam o professor, que roubam e traficam dentro da própria escola. Ignorando por completo que a raiz do problema da violência é justamente a falta de educação, e que o investimento nesta área pode ser uma das ferramentas para o combate à violência não só no Estado de São Paulo, mas também no Brasil.

O poder da mídia, porém, não se confirmou em uma determinada edição do *Brasil Urgente*, que foi ao ar em meados de 2013, transformando Datena em um personagem de uma transmissão catastrófica, ao tentar forçar seus telespectadores a partilharem de sua visão turva a respeito das manifestações que tomaram as ruas do Brasil na época. Com imagens de protestos passando repetidamente no telão às suas costas, o apresentador expunha o seu ponto de vista: “Baderna eu sou contra, *velho*. Baderna, não me inclua... me inclua fora dessa”. Em seguida, anunciou a pesquisa que o programa estava fazendo, cuja pergunta era: “Você é a favor desse tipo de protesto?”.



Ao perceber que a maioria das pessoas que ligava se dizia a favor dos protestos, Datena começou a tentar manipular a pesquisa, afirmando que os telespectadores não haviam compreendido a pergunta. Ele decidiu, então, mudar a pergunta para: “Você é a favor de protesto com baderna?”, como a resposta permaneceu positiva, o apresentador, ainda afirmando que a palavra protesto não estava sendo bem entendida, se viu obrigado a encerrar a pesquisa, com o resultado final permanecendo diferente daquele que esperava.<sup>6</sup>

## **Metodologia**

Em um primeiro momento, o estudo da bibliografia e dos autores citados tem como pretensão a compreensão do ponto de vista destes em relação aos meios de comunicação, em especial à televisão.

Em relação ao estudo específico dos telejornais de temática policial investigativa, podem ser citadas as seguintes tarefas de caráter metodológico:

- Descrição dos programas que serão analisados.
- Estudo aprofundado de acontecimentos específicos, que, por algum motivo, acabaram se tornando casos de maior comoção nacional.

## **Grade temática**

- Introdução

Nesta primeira parte do trabalho, serão expostos os seus objetivos, hipóteses e justificativas, assim como um breve apanhado histórico da programação que habitualmente explora a temática da violência.

- Parte 1

Os dois primeiros capítulos deste trabalho farão referência aos seguintes temas:

- Sociedade de consumo: os indivíduos que vivem na sociedade contemporânea consomem a violência como se ela fosse um produto como outro qualquer. O objetivo aqui será entender o que é a sociedade de consumo na modernidade, estabelecer uma relação entre o consumo de produtos palpáveis com o consumo da beleza, da vida jovem, do mundo sustentável e da própria violência, todos igualmente promovidos

---

<sup>6</sup> Um trecho desta edição está disponível em:  
<<https://www.facebook.com/video.php?v=589153654449712&fref=nf>>. Acessado em 09 Mar. 2015.



pela mídia.

- Sociedade do espetáculo: o tema Sociedade do espetáculo, imortalizado por Guy Debord, precisa sempre ser levado em consideração quando se estuda as mídias. É necessário fazer a relação da programação televisiva com o citado assunto pois, desde o seu princípio, e cada vez mais nos dias de hoje, o espetáculo é um elemento de elevada importância nos meios de comunicação em massa, ficando à frente até mesmo da informação.
- Mídia publicitária: de acordo com Leandro Marshall (2003), a televisão brasileira já nasceu como um meio de comunicação extremamente dependente do capital publicitário. A intenção nesta etapa é tentar compreender a relação entre a necessidade do investimento dos anunciantes e o tipo de programação exibida aos telespectadores.

- Parte 2

No terceiro e no quarto capítulo o trabalho já terá corpo o suficiente para adentrar em suas questões mais fundamentais, que justificam o seu desenvolvimento. Neles será feita uma análise da programação televisiva contemporânea. Serão estudados os programas vistos como sensacionalistas, assim como outros que fogem em parte ou totalmente deste perfil. Ainda nesta etapa do trabalho serão expostos alguns dos casos de crimes ocorridos nas últimas duas décadas cujos relatos midiáticos foram mais marcantes.

- Conclusão

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, José. **O poder da TV**. São Paulo: Scipione. 1995

BAITELLO JUNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura e MENEZES, José Eugenio de O. (Orgs.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.

BARBEIRO, Hérodoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de jornalismo para rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2011.



BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BUCCI, Eugênio BUCCI. Como a violência na TV alimenta a violência real – da polícia. In: BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 107-116.

CASTRO, Cosette. **Por que os *reality shows* conquistam audiência?**. São Paulo: Paulus, 2006.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia**: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São Paulo: Annablume, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mediosfera**: meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

KEHL, Maria Rita. Três observações sobre os *reality shows*. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 165-173.

KÜNSCH, Dimas A. e BARROS, Laan M. de. **Comunicação**: saber, arte ou ciência?. São Paulo: Plêiade, 2008.

LAGE NETO, Gabriel. **Mito e comunicação**: a importância da mitologia e sua presença na mídia. São Paulo: Plêiade, 2010.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Narrativas do medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petropolis: Vozes, 2010.



MORAES, Dênis de (Org.), **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

TREVIZAN, Karina. **Almanaque dos reality shows no Brasil**. São Paulo: Panda Books, 2011.